



TRAMAS DEMOCRÁTICAS PODCASTS

Potentés Deserções

Programa Entre
Recife, Brasil

Para acessar os outros episódios apoiados pelo Goethe-Institut, acesse:
goethe.de/tramas/podcasts

TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO

Mia: Uma crise econômica social e sanitária acarretada pela pandemia do novo corona virus. Ataques aos direitos sociais, escândalos políticos e um avanço na onda conservadora brasileira, tudo isso somado às dificuldades cada vez maiores que nós enfrentamos para sobreviver em meio às transformações profundas que o mundo do trabalho vem passando.

Bem, se você tá nos ouvindo agora, em 2021, eu imagino que ao longo dos ultimos meses voce se sentiu, pelo menos uma vez, confuso e deprimido em meio ao cenário caótico e desesperador em que nos encontramos a nível local e global.

A gente também sente tudo isso. Por isso que ao longo dos últimos anos estivemos aqui no programa entre, eu, Mia Aragão...

Chico: E eu, Chico Ludermir.

Mia: E convidamos pessoas para responder a uma pergunta básica

Chico: Quem você acha que precisa Entrar?

Mia: Ao longo desse tempo ouvimos muitas experiências, pequenas porém afetivas e efetivas.

Chico: Sempre buscando ser afetados pelos projetos de mundo possíveis e desejáveis de cada um e cada uma que passou pelo nosso programa.

Mia: E por isso hoje a gente te convida para mais um deslocamento.

Esse é o programa Entre e o episódio que você ouve agora faz parte do *Tramas Democráticas um programa de intercâmbio do Goethe-Institut que busca ampliar o diálogo sobre inovações cívicas e democracia digital na América do Sul.*

Para conhecer os demais episódios de podcast apoiados, você pode visitar o link que está na descrição deste episódio.

Saindo do Recife, a terra onde o Entre nasceu , vamos até o povoado de Cuieiras, na cidade de Igarassu, a 35km da capital pernambucana. Nosso destino é o centro Casa Yá Marisqueira, onde seremos recebidos pela arte-educadora Maria Augusta Brandão, a Magu, que nos apresentará o espaço de acolhimento, agricultura e luta que ela vêm construindo junto as pescadeiras e moradoras tradicionais deste povoado.

Para mim, a visita á Magu é um reencontro. Nos conhecemos na cidade de Olinda, lá em 2013, quando a gente ainda era adolescente. A gente integrava as lutas estudantis, saia a rua pelo direito a cidade, ao transporte público e integrava movimento urbanos como o Ocupe Estelita.

(insert com ambiência de protesto: "Ocupar, Resistir.... Geraldo Julio, Moura Dubeaux, o Recife não precisa de você!")

Mia: Bem, de 2018 para cá estivemos mais afastadas, e com um avalanche de transformações políticas que nos separa do distante ano de 2013 (insert Flávio Bolsonaro: “Pelos militares de 64, hoje e sempre, é sim!”)

Mia: E aí eu me perguntei: de lá para cá, como será que Magu se reorganizou, o que será que ela tem pensado sobre as lutas que a gente construiu e como ela tem feito para manter vivos esses valores e aplicar ele na realidade?

Primeiramente para chegar a Cuieiras a gente tem que pegar um ônibus para sair de Recife e ir até a cidade de Igarassu, seguimos num transporte público 4km a dentro por uma estrada de barro recortada por antigos terrenos de engenho, ruínas históricas e muita mata atlântica. Logo a frente do pequeno campo de futebol comunitário encontramos a casa de Magu. Ô de casa, Magu!

Magu: Opa!

Mia: Chegamos...

Magu: Chegaram na boa hora... Na hora do almoço!

Mia: Sentados na mesa do almoço, a gente vai iniciando a nossa entrevista.

Magu: Meu nome é Maria Augusta, eu me chamo Magu, eu tenho 27 anos eu sou uma mulher negra, sou Educadora arte-educadora mais precisamente né, que toda a forma de educação que eu trabalho é trabalho através da arte né pelo viés da arte. Sou filha de Ana Luiza, tenho muitos irmãos e irmãs mas eu vou ser mãe, vou ser mãe daqui alguns meses e isso tem mexido bastante comigo é uma nova etapa da minha vida e isso eu sou uma pessoa muito da família né, muito da comunidade sempre tô tentando fazer alguma coisa no meu dia a dia que seja utilitário, na cidade para mim para as outras pessoas. Eu sou muito de fazer e depois pensar.

Mia: **Querida começar com essa primeira pergunta te convidando a refletir um pouco com a gente em cima dessa atitude que a gente propoe aqui nesse episódio, que é a atitude que nos estamos chamando de deserção , uma potente deserção, no caso. Ela passa**

por se retirar dos valores hegemônicos de vida, de modos de fazer ditados pelo poder do dinheiro da competição do individualismo, mas não como um ato de negação, e sim como uma atitude propositiva de outros valores e maneiras de construir relação de afeto, trabalho, vida. Queria saber se você se pensa, nesse sentido, como uma desertora?

Do que você deserta e, nesse ato, do que você não abre mão?

Magu: Eu deserto completamente da colonização veio, porque me vejo uma parte pelo menos de um momento da minha vida até pouco tempo atrás, assim completamente colonizada minha consciência, minha alma, minhas práticas ocidentais mesmo e eu deserto e deserto mesmo. Não deserto só da negação, porque eu não lembro de quem é mas tem uma frase de uma pessoa que diz assim: " Nós não temos nada contra a cultura alheia, o problema é que não é nosso". Entendeu? Não é nosso, então não posso tá vivendo uma coisa que não é minha né que não vem do meu povo, então eu deserto mesmo dessa cultura ocidental, E esse modo de vida de dos princípios e dos valores mesmo e todo dia né é uma deserção assim, é cotidiano sabe Mia é tipo aos poucos assim sabe, você realmente ir percebendo e eu acho que isso também só é possível, eu não digo nem que isso é só possível através do estudo eu acho que eu mesmo voltando para cá, viver aqui com minha família eu vou entendendo o que não era o que nunca foi do meu povo entendeu? E o que é do meu povo eu vou compreendendo isso na prática, sabe tu e o que eu não abro mão de jeito nenhum velho, é dos valores e dos princípios, modo de vida que provém do meu povo preto africano não largo mão de jeito nenhum, não largo mão da minha família de jeito nenhum da minha espiritualidade de jeito nenhum, da natureza de jeito nenhum

Mia: Como é que os passos te trouxeram até essa construção em que se encontra agora?

Magu: Acho que foi o caminho da maturidade mesmo né, minha infância foi no uma parte de Olinda bem Rural assim ainda né, perto do da zona urbana mas eu morava numa rua de barreira né, tipo debaixo de uma barreira numa

ocupação pessoas majoritariamente negra era um outro cenário assim, contra o modo de vida né e minha vida se iniciou dessa forma né perto do da natureza dentro de uma comunidade que se entendia enquanto comunidade mesmo se ajudavam tinha outros valores né, que não são os valores do individualismo que são valores brancos mesmo, ocidentais que a gente está inserido. Que o mundo hoje vive inserido, e aí eu me mudei para Olinda tipo a parte mais super urbanizada, assim super cidade de Olinda que foi à beira-mar de Casa Caiada ali foi eu tinha 14 anos aí foi um outro mundo assim para mim porque parecia que eu tava numa megalópole assim né super Cidade Grande, e nem é né aquela região é aquela parte ali nem é tão assim mas era né, morar no apartamento na beira-mar, estudar numa escola grande católica com pessoas majoritariamente brancas assim classe média, classe média alta, eu comecei a viver um outro tipo de vida outro modo de vida né e também com mais informação, comecei a ter acesso a mais informações e fui adentrando em um modo de vida mais político e aí foi onde começou mesmo sabe essa ideia de construir o coletivo, se doar para as constituições políticas coletivas né para o bem comum mas hoje eu enxergo né nunca no meu lugar de pertencimento sempre indo no lugar do outro às vezes muito uma coisa nem assistencialista. E aí veio desde o ensino médio assim a militância ânsia de esquerda né socialista-comunista, umas organizações que estavam mais centralizadas no Recife, no centro da cidade a UESP e UJR eram organizações movimento estudantil assim e foi muito muito estudo né, muito estudo muitas teorias que o que eu tive de bom mesmo foi essa ideia né do bem né o bem comum que eu fui absorvendo e eu tenho até hoje que eu sei de onde veio né veio de Ouro Preto, de Olinda mas também veio muito mais conscientemente A partir dessa militância do movimento estudantil.

Como cheguei até aqui foi através da minha família. Mas teve muitas águas, assim, muitas águas mesmo entre esse período da minha raiz e sair assim da minha raiz, ser puxada, na verdade, né, tirada da minha raiz para um ambiente completamente urbanizado, moderno classe média, um setor bem hegemônico mesmo da sociedade e depois o voltar pras raízes, né. Muita militância dentro do campo da esquerda... Mas enfim, eu precisei viajar, sair, meio que fugir de muitas coisas que estavam acontecendo aqui na minha vida, na minha vida pessoal, na militância, que eu já não me enxergava mais nessa militância política partidária, né, em que eu estava inserida. Era só que eu conhecia, na verdade.

Era uma militância de organização partidária, e aí eu fui conhecendo outras coisas, né?

Na verdade fui reconhecendo através dessa viagem que eu fiz. Eu fui reconhecendo quem eu era. De repente, fui reconhecendo de onde eu vim, através de algumas comunidades tradicionais, algumas comunidades indígenas, quilombolas que eu passei, né, que eu visitei durante a viagem. E aí eu me reconhecia. Eu via, eu lembrava, sabe, e eu sentia que eu tinha aquilo que todos esses lugares por quais eu tava passeando, vendo, contribuindo... Tipo, eu tinha aquilo de ouro que eles tinham, que é o pertencimento. E aí eu fui inconscientemente, nesse período, absorvendo essa coisa do pertencimento e recebendo também um chamado mais espiritual, que apesar de antes da viagem já ser de terreiro, já ser de Axé, já ser de uma família de matriz africana e já saber a origem da minha família origem Bantu de África né, daqui de Cuieras, eu ainda não tinha formalizado e cristalizado na minha cabeça, de 'é isso que eu quero para minha vida, voltar pras minhas raízes...' essas coisas assim, sabe?

Assim, quando eu voltei, eu já tava completamente tomada por essa essa sensação de que eu precisava permanecer. Porque o pertencimento e ele pede muito isso, ele pede a permanência e a permanência é uma coisa que não existe na cultura ocidental, sabe, não existe. É muito mais a questão de tá se deslocando e extraíndo as coisas dos lugares. Minha vida, meu lugar, não me traz recursos suficientes para que eu permaneça nele, então eu sou insuficiente, minha vida é insuficiente, então eu tenho que buscar essa suficiência em outros lugares. É o contrário da nossa. O princípio africano, e até um princípio dos povos originários mesmo daqui dessa terra, é o da permanência. Da permanência porque esse lugar que você pertence, ele tem tudo que você precisa para sobreviver, entendeu? A natureza é favorável para você, então você tem tudo. Então você permanece naquele lugar e cultiva aquele lugar.

Mia: Isso que você fala, desse imediatividade, de uma forma muito ocidental de lidar com o tempo, com o território, eu acho que se manifesta em muitas áreas mesmo, né? A gente vê na relação moderna com a agricultura, que é baseada no uso de agrotóxicos, de técnicas muito nocivas para tornar mais rápido um

processo que é natural. A gente vê nas tendências do mundo do trabalho hoje em dia que são muito rápidas, tem pouca permanência. Também se reflete muito na nossa auto-imagem, nessa angústia que a gente sente. E também nesses fluxos, esses êxodos que você fala...

Cuieiras tem também um históricos de grandes êxodos, não é?

Magu: Foram três êxodos na verdade, né, até então, que aconteceram em Cuieiras dentro desses 303 anos de existência do quilombo. Eu enxergo muito como um assalto, assim, o roubo da cultura mesmo, dos princípios. Quando você não se dá conta, você pode ter tudo ao seu redor, mas quando você não se dá conta, quando é dito para você que aquilo é insuficiente para viver bem, que você precisa de outros recursos, que você precisa trabalhar para alguém... É como a pesca aqui, todo mundo pesca e, para muitas pessoas hoje, é insuficiente, sabe? Então você vai em busca daquilo que dizem que é o melhor né. E que talvez não seja o melhor... então muita gente, apesar de viver nessa riqueza abundante, de natureza abundante, não se dá conta do quão abundante ela é, do quanto ela pode trazer benefícios e condições de permanência.

No mesmo lugar onde a gente vive tem muitas coisas que a gente pode viver *de* e viver *com* ao mesmo tempo, conviver *com* mas vivendo *de*.

Eu acho que é fazer essa retomada, que alguns muitos antigos já sabiam, né, de que tem como você viver sem precisar estar na cidade pagando água, porque tem como você aqui criar um sistema de cacimbas para poder ter água doce, limpa, pura... Tem como você plantar aqui, que a terra é muito fértil, então tem como você se alimentar. Aqui oferece de tudo que é tipo de alimento, tudo que é tipo de alimento tem como você produzir, fazer, criar produtos para comercializar através do que a natureza mesmo oferece. Então fazer essa retomada de consciência mesmo, sabe? E oferecer, mostrar, pontuar as opções e alternativas que existem dentro do nosso território e ir trabalhando com elas mesmo.

Mia: O tipo de território em que a gente tá aqui, que é um território tradicional, quilombola, ele não sofre só a violência de um apagamento conceitual, um

apagamento sobre a sua história. Ele sofre também violências bem físicas, bem diretas. Tu vinha me falando sobre alguns episódios que aconteceram aqui.

Magu: A Votorantim por exemplo é uma empresa, uma grande empresa que se fixou aqui através da fábrica Poty. Grande parte do território do Quilombo aqui, e ele é formado por vários sítios, as empresas chegam e se dizem proprietárias de todo o sítio. Pega uma parte, que pega uma grande parte assim da Mata da mata atlântica é que tá bem preservada né passagem e do Rio e engraçado né fazer esse paralelo com a colonização porque dentro desse território, dentro das terras que são os su´postamente deles tem ainda a estrutura da casa grande né de uma casa grande, de um forno de cal, o forno de cal era um lugar né onde se trabalhavam as pessoas escravizadas se eu não me engano era Forno de cal de São Bento, eram os monges Beneditinos de Olinda que gerenciavam assim ne os fornos de cal inclusive os monges Beneditinos de Olinda tinham a propriedade assim a maioria das pessoas escravizadas aqui em Caieiras e tem várias estruturas assim antiga, da época da escravidão sem dentro da propriedade da Votorantim dentro do território do sítio do Conga e aí eles nunca deram sabe nenhuma mínima mesmo sabe para o preço do território né nunca apareceram tanto é que a gente aqui passou muito tempo usufruindo desse espaço né da mata, do rio né desse espaço especificamente desse dessas terras especificamente e ano passado começou o movimento de alguns roceiros né, não sei se é sem-terra né porque roceiro sem terra ne existe uma diferença né algumas pessoas começaram a fazer um movimento de querer ocupar as terras que são supostamente de Votorantim né e aí eles começaram já a se mobilizar começaram a cercar né, fizeram a cerca e aí tá em se vê se essa guerra territorial né entre essas pessoas que querem ocupar e a Votorantim um derrubando a cerca do outro e no meio disso tudo né a Votorantim cercando todo seu território ela impede o acesso das marisqueiras e dos pescadores uma determinada área do rio né isso e isso eu soube através das próprias marisqueiras né então foi uma coisa que impactou não só essa coisa da não permissão da entrada mas impactou no trabalho mesmo né delas assim ne impactou na relação que elas têm com rio né que é uma relação de muitos anos a relação muito ancestral mesmo de sustento, de vida do alimento de sustento do espírito mesmo né de todas as mulheres que vivem aqui e é um processo extremamente, completamente assim eu digo sem medo nenhum completamente ilegal sabe e ilegal da mesma forma que o areal se consolidou

aqui sabe, tipo na entrada da estrada e Cuieiras o areal ele vem para poder explorar né a areia e aí como a gente tem como nosso solo né aqui ele é bastante rico em água não é só freático subiu virou uma grande Lagoa né

Mia: No processo de escavação né?

Magu: E aí você que passa, vê aí uma lagoa aí pensa que lago bonito, não sei o que. É... Mas aí tem várias cacimbas e várias nascentes secando aqui e a gente sabe por que. Algumas pessoas não sabem né, mas eu sei porque. É um impacto ambiental que ele é completamente ilegal e explorador e violento, né. Violento porque se a gente deixar, pode até causar um outro tipo de exodo pela falta da água. Mesmo porque aqui a gente não precisa pagar água, que a gente tem abundância de água. Aão guerras assim contra nosso povo, né, contra nossa permanência. A gente tem que encarar isso como realmente é: uma guerra mesmo, sabe. Uma violência contra a gente, porque se a gente não encarar dessa forma, as coisas vão acontecendo, acontecendo, acontecendo e aí enfim vai tudo se dissolvendo, toda a luta, tudo a resistência, toda história e cultura. Tudo vai se dissolvendo sem nem a gente sentir. às vezes tudo acontece num piscar de olhos. O Estado pode não chegar aqui com a polícia como acontece nas favelas, nas periferias, que já é um outro tipo de violência que é cotidiano. Mas é uma violência silenciosa, essa expulsão assim, né, da expulsar e de matar completamente uma comunidade, uma cultura. Porque aqui a gente consegue viver a nossa cultura, nossas tradições, nossas práticas tradicionais e ancestrais. Lá fora a gente não vai conseguir. Então é uma forma de matar a gente também, invisível e silenciosa.

Mia: Então você decide retornar Cuieiras e aí surge o projeto da casa Yá Marisqueira...

Magu: Então, a casa marisqueira surge a partir de um sonho, de um recado que eu recebi através de um sonho. Era meio que um chamado, como diz minha tia, que o que eu recebi foi um chamado mesmo, e que eu tive a coragem de atender a esse chamado, de aceitar esse chamado. Ela surge a partir de um chamado espiritual. Aí a casa, a ideia da casa, o sonho da casa, que já já existe, só precisa ser construída fisicamente né, para ter uma sede. Mas ela existe nas pessoas, nas atividades, nas ações e nas práticas que a gente tem feito de forma

coletiva. Ela é uma potencializadora dessa retomada das práticas. Através dela que a gente vai se curar. Se curar de muita coisa. Resgatar muita coisa que foi roubada da gente. A casa está baseada nos valores da nossa ancestralidade Bangu, que Cueiras foi fundada majoritariamente pelo povo de Angola. As pessoas que fugiam da sua condição de escravos e pessoas que saíram do quilombo do Catucá depois que ele foi dispersado vieram para cá e aqui começou a se organizar uma outra comunidade, um outro Quilombo. Para mim a gente é uma continuidade, é como um círculo, não é nenhuma linha, é um círculo. A gente se enxerga muito como irmão, pai, mãe e avó... também tem muita criança, muitas mulheres e muitas anciãs presentes desde o início pensando a casa, planejando as ações da casa e realizando as ações da casa. É sempre esse tripé: as crianças, as mulheres e os mais velhos. Isso é a base da gente. É a base da nossa ancestralidade. É a base dos nossos valores, dos nossos princípios. É a base da casa. Base de todos e de tudo que tem sido feito aqui até agora, sabe. É pela orientação dos nossos mais velhos e estimulado muito pela nossa continuidade, que são as crianças. A gente quer ver, tudo que a gente tá fazendo é para elas, é para ficar. É para ser uma coisa que vai ficar bem mais para frente. Então essa coisa da autonomia para a gente se ver enquanto um povo realmente, enquanto um povo que futuramente não quer depender de Estado, não quer depender de ter que comprar na mão de um empresário ou de um latifundiário a comida que a gente vai comer. A gente quer ter a nossa própria produção de alimento, a gente que é ter autonomia de comercialização, a gente quer que o nosso dinheiro gire em torno de nós mesmos, que a gente não precise estar dando o dinheiro que é fruto do nosso suor para enriquecer alguém que já seja privilegiado, que seja rico, entendeu? A gente quer fortalecer nossa mãe, nosso pai, quer fazer esse giro do da comida, da água, da energia, até da educação mesmo, né, aqui dentro. O pensamento da casa é centralizar aqui dentro.

Mia: O que é um projeto de educação seguindo os preceitos da sabedoria africana, das mulheres pretas?

Magu: Eu acho que é mais um despertar daquilo que as pessoas já sabem. Eu vejo isso muito nas crianças daqui. Por mais que hoje você tenha muita influência, as crianças são muito influenciadas pelas coisas de fora, tá aí internet, televisão... mas se você for chegar para conversar com Ítalo, que tem

9 anos, ou então com Yasmin, que tem 4 anos de idade, eles vão dizer para você tudo que é tipo de árvore, para que que serve, que planta é essa. Eles sabem qualquer uma que você perguntar. Eles vão saber como é que planta, vão saber para que serve, vão saber o que fazer com elas. Eles vão saber a importância e o valor da água. Eles vão saber a importância e o valor que é pedir uma benção ao mais velho. Então isso é um valor, são valores e princípios africanos que são características nossas, e pra mim isso é educação. É simplesmente dar essa fortalecida, esse start na cabeça das crianças, dos jovens. São coisas que eles já sabem. Que eles não sabem que eles sabem, mas eles já sabem.

Mia: O que forma um quilombo, o que essa palavra significa hoje em dia para você?

Magu: Antes de conceito, ele é uma prática. Foi, na verdade, uma forma que nossos ancestrais, nossos antepassados acharam... na verdade foi a única via massiva que nosso povo achou de sobreviver, de viver a vida de acordo com as suas raízes, seus valores, sua cultura. Foi ir pra um lugar onde tivesse essa riqueza né, essa abundância de natureza, que fosse favorável ou seja, nas matas, e construir comunidade. Quilombo é uma zona, é uma comunidade militar. Quando a gente fala militar é de organização. É como você fundar uma cidade ou um estado, entendeu. Mas sem o Estado. Ela tem a sua própria segurança, ela faz a sua própria segurança, produz seu próprio alimento. Você não só está no ambiente que lhe é favorável mas você organiza esses setores e segmentos de base, de vida, de sobrevivência. E é isso. O Quilombo, para além dessa organização militar, ele é um lugar onde você vive cotidianamente a sua cultura, sua religião. Como eu falei, no quilombo a comunidade é sua família e cada um tem seu papel. Dentro de um quilombo, ao invés do estado, um órgão ou uma pessoa superior, resolver alguma coisa, é um ancião quem resolve, quem media, quem toma decisões.

Mas é bom deixar nítido que uma comunidade quilombola é histórica, existe uma história e ela não foi criada do nada, não pode ser criada do nada, tipo você pegar um lugar e dizer que ' ah, eu vou fazer, eu vou formar o quilombo'. Não, né. Isso é história, aqui mesmo, são 300 anos. É... 300 anos, entendeu? São 300 anos de luta pela permanência. Porque mesmo com esses três êxodos, tem pelo menos umas três famílias daqui dentro que tão a bem mais de 100 anos,

quase duzentos anos aqui, sabe? Então é uma história de resistência mesmo pela permanência do território.

Mia: Uma das grandes riquezas da América Latina é a profusão de comunidades originárias, de práticas seculares, de modos de vida, como as comunidades indígenas, também os quilombos que vieram da diáspora... Ainda assim, porque é tão difícil para gente que vem dessa bagagem reconhecer e dar voz e importância às comunidades que nos formam enquanto povos?

Magu: A gente acha que não tem, entendessee, pode não ter na veia mas culturalmente é muito forte e quando a gente pensa em espiritualidade é mais forte ainda porque quando a gente fala do ciclo a gente tá falando não só do ciclo, mas da questão do plantio. Tô falando do todo mesmo, porque tu não é só tu. Tu é tua avó, tua mãe, que renasceu em tu e em tantas outras. E se um dia tu chegar a ficar grávida, vê que louco, tu vai ser essa outra pessoa que vem no futuro, pô. Entendessee então o que é o ciclo dessa forma? Sabe, é uma continuidade, entendessee? Então o que aconteceu com teus antepassados, a forma como eles foram educados e ensinados, tudo que tinha na cabeça deles e na alma mesmo, no corpo... isso tudo somatizado está em tu. É uma coisa muito impregnada, a colonização. Não só a colonização, mas quem tá dominando tudo que tá ali em cima de você, todos os dias na sua vida dizendo como você deve viver, não só precisa dizer, mandar você viver daquela forma você inconscientemente, subjetivamente só vai achar que é só aquela forma de viver que você tem, então eu acho que por isso que é difícil. A cidade é um alvo, a urbanização, a cidade é um alvo gigantesco, sabe.

Mia: Magu, para encerrar, quero fechar te provocando a pensar nessa perspectiva de futuro a partir do imperativo do Entre, o entrar, que é também uma palavra fronteira, de entre-tempo, entre espaços, contaminação. Queria que a partir desse convite você compartilhasse com a gente, o que na sua opinião, precisa estar presente com mais força nos nossos corações e mentes, na nossa teoria e prática de vida, para que possamos evoluir coletivamente, inventar modos de vida mais generosos, autônomos, igualitários. O que precisa entrar?

Magu: Pensando no meu momento de agora, para mim o que precisa entrar e que desencadeia outras coisas que você falou aí agora é a permanência. A permanência porque através da permanência a gente possibilita construções. Construção de autonomia, afeto, amor... tudo isso demanda tempo. Você não vai construir uma coisa e dois meses, três meses, um ano, não... Para mim o que entra é a permanência mesmo, pertencimento e a permanência.